

O QUILOMBO SUTIL EM PERSPECTIVA: Oralidade, Memória e Tradição na Luta pela Preservação Cultural

Área Temática:
Cultura

Coordenador(a) da atividade: Elizabeth S. de SOUZA

Lorenzo Johann Teleginski NIGELSKI[1]; Gabriel Rickelme GIEBELUKA; Luiza Kaminoski GOMES; Elizabeth S. de SOUZA

Projeto de Extensão:
Nas trilhas do Quilombo do Sutil: memória, identidade e patrimônio cultural

Resumo: A relação entre memória e oralidade em uma comunidade quilombola é um exercício reflexivo e desafiador para um historiador iniciante, em especial quando pouco se sabe sobre o espaço. O quilombo Sutil, localizado na zona rural de Ponta Grossa (PR), é um exemplo disso. A metodologia deste trabalho consiste em analisar os diários de campo coletados por duas acadêmicas da graduação de Bacharelado em História da UEPG, e a entrevista dada pela representante do local, a análise é qualitativa e com aporte bibliográfico de autores como Hobsbawn (1997), Pollak (1992). Como resultado, espera-se uma compreensão do que se foi e das permanências na comunidade ao longo do tempo.

Palavras-chave: História e memória. Tradições culturais. Quilombo Sutil.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma atividade extensionista e busca contribuir para o reconhecimento da diversidade étnico-racial na região dos Campos Gerais. Nesse contexto, o objetivo é lançar um olhar analítico sobre a memória e a oralidade no Quilombo Sutil, localizado no Distrito de Guaragi, em Ponta Grossa (PR). Ao trazer à tona as vozes quilombolas, propõe-se uma reflexão crítica sobre a formação histórica e identitária da região. O Quilombo Sutil resiste em meio ao crescimento demográfico das cidades paranaenses e possibilita uma análise que contrasta com a ideia hegemônica de que o Paraná seria predominantemente branco e desprovido da experiência da escravidão.

[1] Apresentador(a).

No que se refere à memória coletiva, concorda-se com Halbawchs (1990, p. 24), ao afirmar que "para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias". O autor observa ainda que, mesmo sem compartilhar diretamente a vida com alguém, bastaria ler descrições da cidade sob diversos pontos de vista para aprender seus aspectos. Esse princípio permite compreender como, a partir da narrativa da líder da comunidade e de suas memórias, é possível refletir sobre o que foi outrora o Sutil.

Pollak (1992, p. 201) corrobora tal perspectiva ao destacar a figura das "pessoas personagens", conceito que se aplica à líder quilombola por seu papel central nesse espaço-tempo: suas memórias individuais articulam-se com a memória coletiva do grupo. O Quilombo Sutil, nesse sentido, constitui um dos exemplos de resistência à ação do tempo, permitindo um estudo aprofundado de diversos aspectos que marcaram sua origem nos Campos Gerais, em especial a vinculação à Fazenda Santa Cruz, da qual recebeu suas terras e a partir da qual se constituiu como comunidade quilombola.

OBJETIVOS

A extensão, um dos tripés da universidade - Ensino, Pesquisa e Extensão - tem como propósito estreitar a relação da instituição de ensino com a comunidade. Além disso, permite compreender a pluralidade social e cultural dessa comunidade e sua relação com o território em que se insere. O Quilombo Sutil representa não apenas essa relação, mas também um pequeno contingente cujas memórias vêm se esvaindo ao longo do tempo. Nesse contexto, Dona Neiva, representante do Quilombo Sutil, é a principal voz dessa relação espaço-tempo, no que concerne às tradições que se perderam, como celebrações e simpatias, o fechamento da escola local e o sentimento de pertencimento a este espaço. Abordar tais aspectos mostra-se fundamental para a história oral e a história de toda uma comunidade.

METODOLOGIA

A pesquisa baseou-se na análise de dois diários de campo referentes às visitas ao Quilombo Sutil, realizadas entre abril e maio de 2025, e em áudios da entrevista concedida pela atual representante, Dona Neiva. Mulher negra de 61 anos, liderança da comunidade, ela compartilhou experiências e memórias sobre o território, autorizando também registros fotográficos feitos pelo projeto Leite Quente, do Departamento de Jornalismo. Além do trabalho de campo, integraram a metodologia aulas expositivas e dialogadas, bem como oficinas conduzidas pela agente cultural Marcela Cristina Bettega, o que possibilitou aprofundar a reflexão sobre memória, oralidade e tradição no contexto quilombola.

RESULTADOS

Em diálogo com Hobsbawn (1997), compreende-se que muitas tradições consideradas antigas são, na realidade, recentes ou mesmo inventadas. Segundo o autor, o termo abrange tanto tradições formalmente institucionalizadas quando aquelas cuja origem é mais difícil de localizar, mas que se consolidam rapidamente em determinado período histórico. Gusmão (2001, p. 345) destaca que a herança quilombola resulta assim das práticas de resistência dos grupos negros para manter seus modos de vida em determinado lugar, e que a importância do território define identidades e relações sociais. Ademais, a autora observa que essas comunidades possuem uma relação de "posse e o usufruto de uma terra que partilham em comum com um grupo de parentes, e cuja realidade comporta interpretações de ordem diversa daquela que a sociedade inclusiva faz dessa mesma terra". Esse entendimento reforça a importância do Quilombo Sutil enquanto espaço negro, brasileiro e socialmente ativo, que contribui para a diversidade e a movimentação da sociedade.

Refletindo sobre a identidade da entrevistada, Hall (2006, p. 47) explica que, no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos constituem identidades culturais. Dona Neiva, portanto, não é apenas uma mulher quilombola, mas também uma mulher contemporânea, que ao sair da comunidade ampliou sua bagagem cultural. Durante a entrevista, ela destacou a invisibilização do quilombo e os desafios enfrentados pelos membros devido a esse processo.

A análise revelou que a comunidade enfrenta a perda de tradições antigas, como a dança do Catiro, praticada pelo pai da entrevistada (já falecido), e a festa de São Benedito, interrompida após a pandemia, conforme registrado nos diários de campo. Além disso, percebe-se que a influência do catolicismo contribuiu para o apagamento das manifestações de matriz africana, e o interesse das novas gerações pelas práticas culturais diminuiu. Atualmente, Dona Neiva é uma das últimas guardiãs de saberes tradicionais, como simpatias e curas. Portanto, a comunidade é um território de resistência cultural e histórica, que luta pela preservação de sua identidade frente a um processo de apagamento contínuo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que concerne a história oral, Meihy (2005, p. 35) afirma que, por ter sido um recurso novo validado por grupos oprimidos, ela acabou sendo considerada uma "história vista de baixo" ou "uma outra história", justamente oferecer uma alternativa documental diversa da alternativa comum. Quanto aos desafios, ressalta-se que uma das maiores dificuldades foi a resistência inicial dos membros da comunidade, pois a maioria não compreendeu a razão da visitação dos acadêmicos e docentes da universidade. Apesar disso, ação contribui para dar visibilidade à comunidade, em especial quanto às dificuldades enfrentadas para garantir uma melhor qualidade de vida, além de registrar a importância do quilombo para os Campos Gerais e sua história.

A pesquisa sobre a tradição oral e a memória no Quilombo Sutil destacou tanto a escassez de estudos sobre a comunidade quanto a narrativa da representante do local. Ficou evidente o apagamento das tradições originais e de elementos de africanidade, o desinteresse das novas gerações pelas práticas culturais e religiosas, bem como a perda de festas tradicionais. Foi notório as dificuldades relacionadas ao acesso ao território e à infraestrutura precária. Nota-se também a necessidade de mais estudos para ampliar a compreensão das resistências culturais e identitárias do quilombo, incluindo o impacto do fechamento da escola local - que dificultou o acesso à alfabetização, obrigando as crianças a deslocar-se até o município.

Assim, o Quilombo Sutil, localizado no interior dos Campos Gerais, Paraná, é uma história em construção que precisa ser contada. Este trabalho representa apenas um ponto de partida para o registro e a valorização de uma história quilombola, que resiste e exige ser ouvida.

APOIO

Agradecemos toda a equipe envolvida na execução deste projeto de extensão. Em especial, registramos ainda nosso reconhecimento à Dona Neiva, pela recepção e entrevista concedida, à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais (PROEX/UEPG) e à Fundação Araucária pelo apoio institucional.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Deisy Anne Coimbra de. *Diário de campo – Quilombo Sutil*. Ponta Grossa: UEPG, 2025. Documento acadêmico não publicado.

BETTEGA, Marcela Cristine. *Anotações de campo – Quilombo Sutil*. Ponta Grossa: UEPG, 2025. Documento acadêmico não publicado.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Herança quilombola: negros, terras e direitos. In: *Os quilombos na dinâmica social do Brasil*. Maceió: EDUFAL, 2001.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent León Schaffter. 2. ed. São Paulo: Editora dos Tribunais Ltda, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaraeira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

MARCONDES, Manuela Oliveira de. *Diário de campo – Quilombo Sutil*. Ponta Grossa: UEPG, 2025. Documento acadêmico não publicado.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

PAGANINI, Giovana. *Áudios de entrevista - Quilombo Sutil*. Ponta Grossa: UEPG, 2025. Arquivos não publicados.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-215.